Oferta de
Jorge A. Osório

ANO II — NUMERO 12 — (2.ª Série) — 5-5-1924

PORTO ACADEMICO

ORGÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DO PORTO
— PUBLICA-SE QUINZENALMENTE —

Administ.: J. DE CARVALHO VOUGA
Secret. da Red.: A. VIDAL PINHEIRO
REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO:
Rua de S. Bento da Victoria, 10-1.° — Porto

Director — J. DE ESPREGUEIRA MENDES
AVULSO, $50 Cent. — TRIMESTRE, 3$00 Esc.

Editor: OSCAR SATURNINO
Red. Princ.: J. MARTINS FERREIRA
Comp. e imp na Tip. O PRIMEIRO DE JANEIRO
Rua Santa Catarina, 326 — Porto

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. de S. Bento da Victoria, 19

Homenagem da A. E. P. ao academico José Rodrigues dos Santos, vilmente assassinado em Rio Tinto

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

Já passaram longos mêses depois daquele triste dia de S. João em que começou a correr, de bôca em bôca de estudantes, a negra noticia, tam negra como as suas capas, de que o pobre José dos Santos acabava de morrer no hospital, vítima das navalhadas que lhe vibrara um monstro na mais desleal das lutas!

Já passaram longos mêses! E esta mocidade buliçosa e despreocupada, que busca em tudo um motivo para rir, espalhando em seu redor permanentes ondas de alegria, ao recordar hoje o desditoso companheiro que lhe roubaram, concentra as suas almas ainda feridas de saudade, envolve-as, muito aconchegadas, nas sombras lutuosas das capas, para que ninguem veja a sua mágua nem escute os ruidos de indignação que ainda as faz vibrar!

Já passaram longos mêses! Mas a hora da Justiça vai soar, e a Academia que está de luto por um dos seus irmãos que lhe mataram, reúne dêste modo as almas dispersas dos estudantes para que venham assistir á Justiça dos homens, á Justiça humana tam falha ás vezes, mas que importa?!

Cada peito de estudante é um tribunal sagrado onde impera a Lealdade e a Justiça, e a sentença para tal crime já foi lavrada tantas vezes quantos os corações que choraram a perda do companheiro querido!

Faltava unicamente esta homenagem humilde da Associação dos Estudantes do Pôrto.

O seu fim é unicamente recordar á Academia que no meio das suas ocupações e dos seus divertimentos ha um sagrado dever a cumprir: realisando-se no proximo dia 15 o julgamento do assassino de José dos Santos nos tribunais desta cidade, a nossa presença, em massa, não poderá faltar ali, acusadores silenciosos e implacaveis sem o mais pequeno sentimento de baixo ódio, mas franjando de luto a sala do tribunal para mostrar que a mocidade ferida vai ali levar a própria presença de pedaços de alma leal do companheiro assassinado.

O réu não nos preocupa, é um assassino. Do alto do humilde mas sólido pedestal de lealdade e amor em que todos nós nos sentimos colocados, não distinguimos sequer o desprezivel reptil que passa deixando a terra manchada e envenenada com a sua baba feita de sangue alheio.

Não nos ocupa-nos simplesmente dar satisfação aos ideias de Justiça que nos acalentam a juventude ingénua, e assistir ao justo castigo do crime, se é que tais crimes podem ter castigo humano.

Apezar de tudo confiamos na Justiça dos homens. O seu aplauso ao assassinio seria a negação e a destruição de toda a beleza social.

E nós como novos, corações em formação que a sociedade precisa de envolver numa atmosfera de moralidade sadia e nobre para que os homens do futuro sejam bons, vamos lá baixo aos tribunais assistir a uma lição de sã Justiça dada por honrados homens de leis que tambem foram estudantes, e que bem saberão por isso lêr nas nossas almas a veemente repulsa contra tudo que seja criminoso e desonesto e que ali só vamos retemperar a nossa crença de que ainda ha gente em Portugal que não considera o homicídio uma instituição protegida pela lei.

E essa lição será tanto mais para aproveitar quanto é certo que a ela assistirão, além de toda a Academia do Pôrto, representações de **estudantes de Direito das Universidades de Coimbra e de Lisboa**, que para esse fim foram convidados pela nossa Associação.

E então ali, deante do que ha de mais puro na mocidade do nosso país, será posta á prova a inteligência da defeza e da acusação, a nobreza do Juiz e a honradês dos Jurados.

Qualquer que seja a sentença, talvez a própria liberdade, que vem sendo nos nossos días a vulgar sentença de muitos crimes, por mais que se debatam as opiniões, por maior que seja a poeira com que a legislação criminal possa envolver o homicídio, no momento em que o réu se levantar para ouvir lêr a sentença, ha-de sentir um silencio sepulcral a envolvê-lo, ha-de vêr reflectir-se na sua consciência a escuridão das nossas capas menos negras do que ela, ha-de vêr aproximar-se a sua vitima que a dôr duma Mãe quási louca e a saudade dos companheiros ali conduzirão, e que lhe escreverá no rosto com o sangue das navalhadas a sua única e verdadeira sentença: «Eis um assassino!» E no silêncio que se ha-de realizar, onde morrerão as mais justas palavras do Juíz, e na escuridão que o ha-de envolver só manchada pela sua consciência, a alma da Academia ali presente ha-de ler a sentença em voz profunda: «Eis um assassino!»

E por mais sublime que seja a habilidade da defeza ao tentar lavar essas letras de sangue, só conseguirá torná-las mais legíveis, de maneira que tu, leitor, que tens filhos, que tens irmãos, que tens amigos, ao encarares com essa criatura, quer castigada, quer impune, has-de ler involuntariamente na dureza do seu olhar tôrvo, na estreiteza da sua fronte, e na negrura da sua alma, se é que um faquista tem alma, esta sentença implacavel e permanente, escrita com o sangue dum estudante: «Eis um assassino!»

*

SALVADOR MEIRELES
O assassino

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

Que nêsse julgamento, que será ao mesmo tempo uma afirmação de ideais, dum lado a lealdade, e do outro a covardia, o nosso silêncio seja tanto e tam grande como foi o daquela tarde em que levamos aos ombros o ataúde do nosso companheiro no cemiterio de Aguas Santas, emquanto o sol que tantas vezes por ali o vira cantar e rir, se escondia por traz dos pinheirais, enviando uns tristes raios de despedida que resvalavam no caixão, raios já sem força nem calor para nos secar as nossas proprias lagrimas.

Que o nosso silencio e a nossa compostura seja tanta que se escute o ruido dos nossos corações indignados, como o rugir longínquo dum imenso mar de vida, que refreia as suas ondas para não perturbar o silêncio da morte que a nossa presença ali vai evocar.

Qualquer atitude mal contida pode provocar uma vaga de indignação que perturbe o andamento da Justiça a quem nós proprios vamos prestar uma homenagem, qualquer palavra mais quente pode generalisar um incendio dos nossos corações de fogo e por isso só o silêncio absoluto e severo será a única manifestação compativel com o momento.

Não será somente a mocidade académica que ali ha-de comparecer! Os seus companheiros de todas as agremiações sportivas a que êle pertencia e que como ele cultivavam o avigoramento fisico como complemento da mentalidade, hão-de fazer-se representar nêsse julgamento, que será uma verdadeira **tese** em que se afirme que a nobreza dum homem que se defronta com outro, nunca poderá assentar na arma homicida e traiçoeira com que se liquida um adversário, que só tem como únicas armas a sua lialdade e a força dos seus braços.

Doutro modo, se o castigo não contiver estes exemplos, será fazer a apologia duma sociedade em que cada um se sinta tanto melhor defendido quanto mais afiado fôr o punhal ou mais certeira a pistola que trouxer debaixo do casaco; e toda a grandeza dos exercicios físicos como dignificadores do ser humano, não passarão duma utopía para iludir a mocidade sincera que a eles se entrega de alma e coração!

Será uma **tese**, dizemos, êste julgamento! Dum lado está uma mão lial que castiga um insulto com uma bofetada, do outro uma mão traiçoeira que vibra uma facada pelas costas; dum lado está um peito descoberto, fortificado pelo ar puro e pela alegria física de víver, do outro uma navalha afiada a gotejar sangue duma carne moça e cheia de nobreza; dum lado está o estudante alegre e apaixonado, do outro o taberneiro difamador que tanto anavalha pelas costas a honra, como o corpo dum adversário.

Eis o que será o julgamento despido de todas as considerações judiciais.

Eis o que nêle verão os **moços da Academia e os moços do Sport**, a mocidade que esclarece o espírito e a que dignifica o corpo, em resumo, esta mocidade que é a esperança das Pátrias! O resto do julgamento, qualquer que possa ser o seu aspecto, será unicamente a satisfação legal e judicial a dar á Sociedade que encarrega os tribunais de a defender.

Os tribunais cumprirão o que julgarem seu dever, e as sociedades seguirão pelos caminhos que êles indicarem.

*

Sem pretendermos reconstituir o crime soez que nos levou o pobre amigo José Rodrigues dos Santos, vamos reproduzir algumas passagens da tragédia para que se verifique até onde chegavam os sentimentos tam opostos dos dois protagonistas, quási da mesma idade.

O nosso colega José dos Santos, tendo sempre na alma a permanente alegria dum estudante aliada a uma bondade quási infantil, encetou um namoro com uma joven de Rio Tinto. E todas as noites para lá seguia da sua casa em Aguas Santas, embrulhado na sua capa de apaixonado sem outra companhia que o defendesse da escuridão, que não fosse a sua ousadia e uma grossa bengala que o acompanhava, ferrulhada num braço, mais por espirito académico, do que como eventual arma de ataque ou defeza.

O assassino que vivia em Rio Tinto, cortejava a mesma menina, e movido de despeito pela nenhuma atenção que conseguia chamar sôbre si, começou a fazer correr «que tinha ouvido o nosso colega manifestar as mais baixas intenções a propósito do namoro que mantinha em Rio Tinto».

Chegando-lhe isto aos ouvidos, o nosso colega que se sentiu ferido na sua dignidade, procurou a origem de tais afirmações e sabendo que partiam do despeitado assassíno, procurou-o, intimando-o a confirmar ou a retirar aquilo que dizia a seu respeito.

Covardemente o assassino se esquivou, dizendo «que o tinha ouvido a outro rapaz do logar.»

Passaram-se alguns dias e começou a constar até na própria Universidade que o José dos Santos andava ameaçado por alguem de Rio Tinto. Avisaram mesmo o irmão dele, o nosso colega Joaquim Rodrigues dos Santos Junior, para que o prevenisse do que corria.

Na própria tarde do crime o Joaquim dos Santos Junior chegou a casa e disse ao irmão: «Vê lá se te acautelas, porque consta-me que te querem chegar». Ao que o nosso infeliz e leal colega respondeu alegremente: «Ai sim?! Fizeste bem em prevenir porque assim já não levo a bengala do costume, não vão julgar que tenho mêdo; um homem é para outro homem»!

E apezar do irmão o increpar pela sua atitude tam estouvada como nobre, nessa mesma noite lá foi para Rio Tinto, sem outra arma que não fosse a confiança em si próprio.

Estava falando com o namoro a uma janela quando passou defronte o rapaz a quem o assassino tinha atribuido as difamações; o nosso inditoso colega dirigiu-se logo a êle pedindo-lhe uma satisfação do que andava a dizer a seu respeito. Ficou muito espantado o interpelado e respondeu: «Quem anda a dizer isso é o Salvador Meireles (o assassino), não sou eu».—Pois bem, disse o nosso colega, quando eu o encontrar quero-me entender com êle.» Separaram-se de novo e o José Rodrigues dos Santos voltou a falar com o namoro emquanto o rapaz que passava se dirigiu para a Assembleia. (1)

Encontrou ali casualmente o assassino e relatou-lhe o que se acabara de passar e zangou-se por lhe andarem a atribuir acções que não praticara.

O assassino dali a momentos desapareceu da Assembleia e foi em ar de desafio passear deante da casa onde o nosso colega estava a namorar. Este ao vê-lo e apezar dos pedidos da namorada, fez o que qualquer de nós faria em idêntica situação; dirigiu-se ao assassino e teve com êle uma troca de palavras azedas que provocou o conflito.

O assassino, a um gesto do nosso colega que lhe ia deitar a mão a um braço, deu-lhe um empurrão violento que o fez cambalear, e disse, como quem confia em alguma coisa: — «Isso é que eu queria vêr»! —

Em face da atitude do assassino o nosso camarada desforçou-se com altivez e envolveram-se os dois em luta.

Todos êstes episodios foram relatados a custo pelo nosso companheiro a seu irmão naqueles poucos dias que decorreram entre a sua entrada ferido para o hospital e a sua saída morto para o cemitério de Aguas Santas.

E o nosso inditoso José dos Santos, continuava a contar ao irmão quási já com a certeza do seu fim: — «Depois da troca de alguns sôcos violentos êle caíu ao chão e eu disse-lhe que se levantasse, que não batia num homem caído. Então êle ao erguer-se deu-me um «grande sôco» no peito e eu sacudi-o de novo o que o fez tropeçar dirigindo-me êle logo a seguir outro sôco forte; engadelhamos os dois e quando eu julgava vê-lo punido bastante pelas suas difamações e me ia a voltar disposto a retirar-me, senti um «grande sôco nas costas»; voltei-me imediatamente emquanto êle fugia e eu lhe gritava: — «e ainda foges, grande covarde»!

Os «sôcos violentos» que o nosso lial companheiro sentiu quando nobremente esperava que o adversário se erguesse do chão e o sôco dado nas costas, eram as navalhadas vibradas com sanha criminosa, todas mais ou menos dirigidas ao coração e tam covardemente que o nosso colega só deu por isso quando sentiu o sangue correr depois da luta.

Eram 11 e meia da noite. As testemunhas só distinguiam na escuridão dois vultos que se batiam, as demais provas da covardia dissolveram-se nas trevas.

Chamaram a maca dos prestimosos Bombeiros Voluntários do Pôrto, para ele que tambem era Bombeiro Voluntario de Ermezinde, e em 11 minutos foi trazido de Rio Tinto ao Hospital de Santo Antonio perdendo no percurso cêrca de dois litros de sangue daquele coração tam generoso!

Ao chegar ao Hospital, quando o médico lhe preguntou a idade, respondeu com mágua: — «vinte anos, snr. Doutor, e morrer assim tam covardemente!» Não lhe magoava do corpo a carne retalhada, não o entristecia a ideia da morte, assim tam jovem, pesava-lhe na alma aquela covardia que correspondera á sua lealdade de lutador!

Nobre atitude, humilde companheiro; nesse momento atingiste aquela Beleza sagrada dos herois vencidos que te faz aparecer aos nossos olhos de saudade uma colossal estátua ensanguentada e luminosa que personificasse a própria Lealdade!...

O assassino depois de fugir foi visto na estação, e como um rapaz lhe fizesse notar que tinha sangue numa mão, respondeu friamente: — «E' meu, não é do outro!» Tinha sido um golpe que encontrando violentamente o omoplata tinha fechado a navalha, que lhe ferira um dedo. E comentou: *Foi pena, deu no osso!*» Como lhe perguntassem o que lhe queria dizer, explicou que tinha deixado ficar estendido o nosso colega José dos Santos —lá em cima na calçada!

Depois, de nada serviram os cuidados da medicina: morreu passados 9 dias, esgotado o sangue daquele corpo temperado nos mais dignos sentimentos, tempera que nunca resistiu ao aço dum assassino! E assim ficou de luto uma classe e uma família, e quasi transtornado desde então pela loucura da Dor, o cerebro duma Mãe amantissima!

Entretanto o criminoso gosava a mais franca liberdade, apezar do administrador do concelho, sr. Adriano Vieira da Silva Lima, ter tido participação oficial feita dentro de 12 horas e ter falado com o criminoso antes dêste se homisiar em casa do escrivão Matos, de Vila Real.

Quer dizer, leitor honrado, em face do que se passa na nossa infeliz terra, e a continuar assim, amanhã ao entrares na casa duma autoridade, tanto podes vêr num indivíduo que lá se encontre tranquilamente um homem tam honrado como tu, ou um assassino ou salteador de estrada!

---

(1) Assembleia: Grémio Recreativo de Rio Tinto, com séde muito distante do local do crime. *Prova provada* de que o criminoso procurou intencionalmente a sua vítima.

AVIADORES DE PORTUCAL

Macau está no Oriente e é Terra Portuguesa! E o Oriente, para os velhos portugueses, era o fim do mundo! E os nautas de Portugal passaram ainda além da Trapobana, como o disse num canto supremo de Gloria, o maravilhoso e eterno épico lusíada. Trapobana, portico ignorado do misterio, sombra de toda a realidade, era a maravilha da imaginação assaltada por constantes figuras de uma disformidade horrivel, com gigantes, em fogo, á cuspirem a alma luzitana!

Toda essa lendaria procissão de horrores e mêdos, toda essa galeria de figuras disformes e horriveis, se transformaram no positivismo cósmico de Terras do Oriente, terras onde nasce o Sol que ilumina e vivifica!

Ha muitos anos já, que longe, nos confins do mundo, para alem da Trapobana, a bandeira portuguesa fala ás gerações e ao mundo, dizendo-lhes que Portugal palpita em toda a parte do Universo!

Ha muitos anos já! Foram as nossas caravelas com a bandeira eterna da nossa Patria! Hoje que Portugal tem caravelas que vogam pelo oceano do Infinito, era necessário levar aos confins do mundo, nessas caravelas da imensidade, uma nova bandeira das Quinas!

Brito Pais e Sarmento Beires, dois môços que confirmam as qualidades ancestrais da nossa raça, abriram as velas da sua nau, levantaram vôo, e, por sobre a Africa, desertos, paragens longinquas, chegaram já á Asia!

Macau, a sua anciedade, está em breve sob a Cruz de Cristo do Avião Patria, que lhe leva, numa mistica linguagem de heroismo, o fervor de toda a grandeza espiritual da nossa terra!

A ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DO PORTO E A VIA::GEM AEREA A MACAU::

A Direcção da Associação dos Estudantes do Porto, num elevado gesto de patriotismo e entusiasmo, subscreveu com a quantia de 100 escudos na lista aberta pelo jornal «O Primeiro de Janeiro» lista que tem por fim a obtenção de dinheiro para custear as despezas da viagem aerea a Macau, tentada por dois gloriosos aviadores, Brito Pais e Sarmento Beires.

A Tuna Academica

em

VIANA e VALENÇA

O dia amanhecera cinzento e as bátegas sucediam-se com pequenos intervalos.

A' hora marcada a locomotiva resfolga e o comboio põe-se em marcha.

E a paisagem sucede-se; vamos já em pleno Minho — o lindo jardim dêste Portugal tão lindo — e a nossa animação, o nosso entusiasmo vão aumentando em relação ao caminho percorrido.

*

O comboio deixa agora a estação de Darque. E' só passar a ponte e encontrar-nos-hemos enfim nessa decantada «Princeza do Lima» — que nos recorda os versos de Bernardes.

*

Chegamos enfim a Viana. A estação toda embandeirada, a gare repleta de gente que nos aclama juntamente com a Academia do Liceu Gonçalo Velho, a musica tocando o hino académico, os foguetes estoirando, tudo nos levava a crêr que ainda desta vez seriamos bem recebidos pela fidalga Cidade de que já guardavamos tantas recordações.

*

A' noite, no Sá de Miranda, a sala cheia. Lindas mulheres, eram flores raras de Beleza e de Graça, fugidas de canteiros para adornarem o teatro onde a Alma sã e sincera da Mocidade estudiosa ia expandir-se em arroubos de Arte.

Nos camarotes, as capas negras cheias de flores e de fitas eram as melhores confidentes dos nossos segredos, para essas mulheres, essas encantadoras minhotas — prototipo perfeito da mulher portuguesa.

No comêço do espectáculo a nossa interessante madrinha veio, como de costume, colocar uma linda fita na nossa bandeira. Nêsse instante o entusiasmo atingiu o auge, chegou ao delirio.

A Tuna, como sempre, magistral. E nada mais é preciso dizer que esta palavra já diz tudo. A comédia agradou, fez rir. Os fados pelos Drs. Aires e Aurelio Fernandes e por Taveira e Leal fizeram vibrar intensamente numa emoção forte a todos os que tiveram o prazer grande de ouvi-los. E a récita terminou no meio do maior entusiasmo e da mais sincera alegria.

*

Em Valença, adentro dos muros da velha praça forte, não esmoreceu a animação. Tambem aqui as mulheres não se esqueceram de nos receber carinhosamente. A *matinée* decorreu animada e como sempre fomos coroados pelas ovações, bem verdadeiras, de quantos nos ouviram.

A' noite, realisou-se um baile na Assembleia que decorreu na melhor ordem, dançando-se bastante, apesar de, em Tuy, as «nuestras hermanas» gentilmente nos terem dedicado um outro.

THE
RILEY INSTITUTE
OF LANGUAGES AND COMMERCE
Director — Edmond E. Riley — Rua da Bandeirinha, 78
(Largo do Viriato)

Nós e Eles...

Lemos algures uma má lingua de «escacha pecegueiro», escrita com um fueiro... que se referia, em modos de escarneo, á Academia do Porto. O articulista, fundamentado numa lógica condenável e sem argumentos indemoliveis, procura, ao acaso e raivosamente, ferir uma classe que tem dado sobejas provas da sua grandeza moral. Não sabemos, é claro, se aquela prosa é escrita por qualquer carrejão de esquina ou carreteiro da Alfandega, mas o que podemos asseverar é que é escrita por um mal intencionado.

Isto nos basta.

Estamos muito acima de qualquer mercieiro piegas que tenta alcoolisar qualquer cliente ingénuo, como mercieiro de lógica é este cidadão que nos insulta parva, tolamente.

O cavalheiro confunde o Padre Amaro, de Eça, com todo o clero. O cavalheiro, que certamente é empregado de escritório ou de qualquer outra *tenda*, confunde o pseudo-Jacinto Simões com todos os empregados de escritorio e que são honestos.

O articulista confunde, de uma maneira acintosa e miseravel, um criminoso, pelo facto de ser homem, com um altissimo espirito de Amôr e de Bondade. Confunde talvez Christo com o proprio Judas! Qualquer que seja o individuo que tão intempestivamente escreveu aquelas pieguissimas palavras, só merece, de nós, o máximo desprezo. A Academia não é responsavel por qualquer doente que esteja adentro do seu Grémio. E não é pela censura inconsciente de qualquer parvo, que pode haver acusações sobre uma classe que está muito acima de qualquer furibundo pimpão que se pavoneia raivosamente.

Não. E se continuar, queremos provas absolutas do que afirma.

LUTUOSA

Fomos dolorosamente surpreendidos pela morte do nosso distinto colega Eduardo Martins Kendall, aluno do 2.º ano da Faculdade de Sciências. A' Familia enlutada, e em especial aos nossos colegas Henrique e Luiz Kendall, envia o «Porto Academico» as mais sinceras condolencias.

— Faleceu tambem o Pai do nosso querido amigo e colega Henrique d'Almeida, pelo que lhe enviamos os nossos sentidos pezames.

Passado algum tempo veio entregar-se á prisão, talvez por ver nos jornais a impunidade de tantos crimes ou por confiar de mais nas influências que o protegessem.

Só se esqueceu de nós, da Academia inteira, que há de a todos os instantes erguer-se diante dêle a ler-lhe na fronte a sentença de sangue!

Iludiu-se por certo na sua confiança, pois Portugal não póde ser um paiz onde os assassinos estendam os braços voluntariamente á Justiça, não para que esta os prenda ou os castigue, mas para que lhes lave as mãos manchadas do sangue das suas vítimas e lhes afivele uma máscara de honradez.

Consta mesmo que alguem das relações do assassino afirmara *que se estivera tam certo do número da lotaria como da sua absolvição, iria imediatamente comprar uma cautela!*»

Não damos grande crédito ao que consta, mas a ser verdade, o insulto é feito tam sómente á magistratura do nosso paiz, e não nos compete a nós levantá-lo.

A atitude egoista mas lógica das relações do assassino será tentar por todos os meios lavar a *indelevel* mancha dum assassinato; a nossa atitude nêste momento é dignificar a memória do nosso companheiro cujos sentimentos de nobreza e alegria tam cedo lhe foram ceifados á navalha.

O resto é com a Justiça e o público honesto no tribunal da sua consciência avaliará todas as atitudes.

*

Esta homenagem de toda a Academia do Pôrto que assim o resolveu em sessão magna, é uma sombra daquela outra homenagem que foi prestado a José Rodrigues dos Santos na ocasião do seu funeral, o mais soberbo e sincero preito fúnebre que temos visto realisado por estudantes.

Nêsse dia as guitarras da alegria transformaram-se em braçados de flores de saudade como no milagrs da Santa Isabel, e as nossas canções de mocidade esvaíram-se em lágrimas, como o nosso companheiro se esvaíra em sangue!

Naquela longa estrada que nos levou ao cemitério de Aguas Santas, a imensa sombra negra de estudantes silenciosos envolvidos nas nuvens de poeira em que o sol a despedir-se punha reflexos platinados de luar, pareciam farrapos da propria noite que viesse a envolver o pobre moço numa derradeira e dolorosa serenata de despedida!...

A Direcção da Associação dos Estudantes do Porto

DESPORTOS

A. E. P. vence Sport Club Vianense por 2-1

Os leitores do Porto conhecem já por certo pelos nossos «placards» o resultado do encontro do team de foot ball da Associação dos Estudantes do Porto com o primeiro club da serie daqueles que ele vai defrontar durante a excursão que a Tuna Academica neste momento está realisando.

A nossa vitória sobre o campeão do Minho vem mais uma vez provar que adentro da Academia temos optima materia prima para constituir um grupo que em qualquer parte possa defender com galhardia as nossas cores.

Vamos rapidamente dar uma nota do que foi aquele encontro, que tamanho interesse estava despertando entre os aficionados de Viana do Castelo, que habituados a ver o seu favorito alcançar sucessivas vitorias sobre onses de reconhecido valor, não contavam que a primeira derrota lhe fosse infligida por um grupo que não ostenta na sua bandeira os louros dos grandes campeões.

Alinhados os grupos pela forma abaixo indicada e depois da troca reciproca dos, já agora, classicos ramos, M.elle Abrunhosa, a gentil madrinha da Tuna, põe a bola em jogo por entre os aplausos da assistencia.

A bola rodopia a meio campo durante alguns minutos dum jogo atabalhoado e falho de tecnica. Pouco a pouco, porem, os homens vão desenvolvendo os seus recursos e o jogo, assenta. Nota-se a desproporção do corpo nas duas *équipes*, sobretudo pelo que respeita as linhas de avançados; assim, enquanto o quinteto de Viana é formado por homens dum certo peso, o do Porto é incomparavelmente mais leve, do que resulta que no jogo por alto Viana tem sempre superioridade.

Apesar disso o Porto está a fazer avançadas sucessivas ao campo de Viana, a maior parte das quais conduzidas por Alberico, que possue a boa qualidade de se fazer bem à bola e sobretudo a de não atrazar. O resto da linha coadjuva, registando-se alguns bons *shoots* ao *goal*.

Viana avança tambem por seu turno. Oscar, porem, muito bem auxiliado por Coelho desfaz facilmente o jogo contrario. Alem disso lá está Valente, atento, prestes a intervir. E tem ocasião de o fazer, registando-se algumas boas defesas, uma das quais arrancou fartos aplausos á assistencia.

(Oficinas Sporting.)

OSCAR, o excelente defesa esquerdo do nosso grupo.

O jogo equilibra-se a meio campo com descidas ora para um lado ora para outro. Numa destas, Temudo, bem colocado remata forte; a bola porem bate *na trave*.

E' já a terceira vez que tal sucede.

Com o resultado de O O termina a primeira parte, em que se notou um leve dominio do Porto sobre Viana, dominio que na segunda parte se acentuou mais ainda.

A linha de avançados de Viana combina bem e conduzida por Gama Lobo realisa algumas descidas sobre o campo academico. Numa destas, um tiro certeiro ás redes é defendido por Valente com um oportuno *mergulho*.

E' marcado um *corner* contra Viana. A bola, bem enviada por Victor Branco, saltita deante das redes e no meio de grande confusão é impelida para dentro delas pelo defesa esquerdo vianense. Victor marca pouco depois um segundo goal, que não é validade por ser considerado *off-side*.

Há uma avançada bem conduzida pelos portuenses. Nuno aponta forte ao *goal* e a bola anicha-se nas redes. Viana desanima e deixa-se dominar agora completamente Um dos seus defesas magoa-se em consequencia duma colisão; alguns rapases do Porto apressam-se a socorrê-lo mas o arbitro não suspende o jogo e Viana numa fugida rapida chega defronte das redes portuenses e aponta. Valente não consegue defender.

Faltam cinco minutos para terminar e a chuva agora cai abundantemente. Mais umas jogadas e o apito do arbitro põe fim ao desafio.

O resultado de 2-1 não correspondeu bem ao jogo desenvolvido por cada um dos grupos: A superioridade do Porto, manifestado em quasi todo o desafio, devia exprimir-se por um score um tudo nada mais elevado.

Do grupo do Porto, Oscar e Valente trabalharam com aquele virtuosismo que todos lhes conhecemos; Coelho secundou bem o trabalho de Oscar; os medios, diligentes, desempenharam rasoavelmente o seu papel; na linha de avançados, que combinou por vezes com uma certa precisão, há a notar o bom trabalho de Alberico e Temudo; Alfredo, inferior dos seus creditos

O grupo de Viana, sem ser um bom *team* de 1.as categorias é no entanto bastante homogeneo e ligado, possuindo alguns dos seus elementos uma rasoavel tecnica de *association*.

E', em resumo, um bom *team* de provincia e a atestá-lo estão os lisongeiros resultados obtidos com grupos congeneres, que teem sido sempre batidos.

A sua linha de avançados combina bem e possue um bom *shooter*, Gama Lobo, que neste desafio se revelou um dos seus melhores elementos; na linha de medios, Encarnação desempenhou um bom logar.

A defesa, um pouco mais fraca.

Os grupos estavam constituidos da maneira seguinte:

Sport Club Vianense:

Ramiro; Rocha e Jorge Costa; Leandro, Encarnação (capitão) e Portals; Antonio Costa, Barbosa, Gama Lobo, José Hugo e Montez.

Associação dos Estudantes do Porto:

Valente; Oscar e Coelho; Castro Soares, Leitão (capitão) e Humberto; Alberico, Alfredo Carvalho, Temudo, Nuno Alvares Pereira e Victor Branco.

A arbitragem do Snr. Henrique Figueiredo, se não foi impecavel, não deu contudo logar a reclamações.

Não suspendendo o jogo quando se magoou um dos homens de Viana—e foi esta a causa original do *goal* marcado pelos Vianenses—aquele senhor não fez mais do que cumprir o regulamento do *Association*, que estabelece o que há a fazer em tais casos.

PROPINAS

Depois do Pão a Educação.

E' interessante. No século XIX talvez esta formula fosse o complemento perfeito da verdade. No século XX, no século da electricidade á compita com as brunideiras, ás tortas com a tracção animal, — salvo o *mulétrico* actualisado do «Chora» nas ruas da capital, — e amuos com todas as energias possiveis, no século XX, como vinhamos dizendo, a formula genial faliu inteiramente.

Absolutamente. Agora a fórmula é: depois do papo cheio a reinação!

Assim é que é. Em Portugal o *enfartamento* do *papo* é a primeira condição da existencia. Não ha remedeios. Tudo ou nada. Tudo triunfando em qualquer barafunda politico-moral.

Nada, esperneando em qualquer conjura carrapato-revolucionaria.

O estomago é um orgão. A educação é um instrumento! Sendo assim, orgão e instrumentos reunidos, o ideal atinge-se com quatro *lavercas* bem lançadas a uma *massa* ignorante.

E daí o estado, os governos, emfim, todos os elementos que orientam o paiz!

E Virus Maligno penetrou e vai roendo tudo o que estava muito acima da selvagem intuição de qualquer Zé do Telhado, que ora vagueia libertamente, e investido em autoridade, pelas repartições publicas do estado. E tudo, absolutamente tudo se arrasou.

Os principios ficaram intactos mas os homens, esses, faliram inteira, absolutamente.

Depois do Pão a Educação! Mentira; mentira, em Portugal!

A instrução póde ser depois do Pão a educação, para os que, gulosamente, distanciados de todos os escrupulos, fizeram *farinha* em Portugal.

Mas para a massa Académica pobretôna, nascida do sacrificio, que é ainda a melhor garantia do Portugal futuro, para esta, em nome dela, dizemo-lo bem alto, a educação é o calvario tremendo que lhe consome a existencia, sem garantia absolutamente nenhuma! Amanhã, depois, ou os nossos cursos ficam *completamente* trancados ou os nossos estomagos ficam *completamente* vazios.

Infamia! Escarneo. Sabemos muito bem que as propinas teem de ser forçosamente modernisadas. Sim, muito bem!

Mas assim? Isso não.

E' um ataque tremendo para quem trabalha e que, pelo esforço, procura conquistar na vida uma profissão condigna. O estado um dia, verificará a sua imprudencia. Só os ricos — que não precisam do lustre da Patria e que se não dão às dores dessa mesma Patria—poderão tirar um curso universitario. Pois bem: os que sofrem, todos os que lutam, todos os que trabalham hão-de encontrar nesses individuos apenas os *encartados* para titulo e nada mais. E depois?

A revolta dos povos formulará a justiça da injustiça que nos fazem hoje...

J. M.

DESPORTOS

A. E. P. perde com o Racing Club de Tuy por 2-0

No dia 28 jogou o nosso grupo em Tuy contra o Racing Club.

O desafio, que a principio estava decorrendo animado, foi interrompido no principio da segunda parte devido aos protestos formulados pelos nossos homens contra o arbitro, que os estava continuamente prejudicando pela sua atitude parcialissima a favor dos seus conterranos.

Humberto Bragança, quando dentro das normas da correcção se dirigia ao arbitro foi agredido por um jogador do grupo galego.

O nosso grupo não abandonou o campo nesse momento porque todos se lembraram de que estavam em terra estrangeira e que deviam manter acima de tudo a disciplina e o respeito que devem ser o apanagio de todo o homem de desporto.

Procedendo assim, os nossos rapazes deram uma lição de correcção aqueles que tão mal sabem receber os seus hospedes.

O desafio terminou pela victoria do 2-0 a favor do grupo de Tuy, se é que se pode chamar assim a um onse formado na sua maioria por jogadores mandados vir de Vigo e Pontevedra.

(Oficinas Sporting)

VALENTE, que como sempre, segurou bem as nossas redes.

O primeiro tempo, de jogo rasoavel de parte a parte terminou com o resultado de 0-0.

Durante o primeiro quarto de hora da segunda parte o dominio pertenceu ao grupo academico. Foi nesta altura que se deu o lamentavel incidente a que acima nos referimos e que tão mal depõe a favor da delicadesa dos desportistas de Tuy.

JORNAIS NOVOS

A MOCIDADE

Apareceu mais um jornal novo na Academia, a quem agradecemos as palavras de cumprimento. A Direcção dêste novo quinzenario oficiou á Associação dos Estudantes do Porto, informando-a da sua projectada publicação. Esta amabilidade penhorou bastante a Direcção da mesma.

Longa vida e felicidades ao novo colega.

Engenheiro Sarmento Beires

Foi vitima de um desastre na Central Electrica da Companhia Carris, o Ex.mo Sr. Engenheiro Rodrigo Sarmento Beires, dignissimo professor e assistente da Faculdade de Sciências.

O «Porto Academico» faz os mais sinceros votos pelas rapidas melhoras de S. Ex.ª

Orfeon e Tuna : Academicos :

Realizaram-se nos passados dias 8 e 11 do corrente duas assembleias gerais dêstes organismos, as quais, apezar de importantes tiveram pequena concorrência.

Já todos estamos acostumados á indiferença que os orfeonistas manifestam pela vida do Orfeon.

Na primeira assembleia geral apreciaram-se os actos de alguns membros da Direcção, tomando-se varias resoluções importantes e iniciou-se a apresentação de contas de vários espectáculos e excursões que o Orfeon e Tuna teem realizado desde o ano passado, contas que não tem sido possivel apresentar ha mais tempo.

Pelo adeantado da hora, foi encerrada a sessão ficando marcada uma nova para o dia 11.

A esta assembleia geral, como já à anterior, presidiu o sr. Eng. Marques Gomes, Filho, dignissimo presidente da Direcção.

Iniciados os trabalhos, continuou-se na apreciação das contas do espectáculo dado em honra dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral; da tourada na Areosa; excursão do Orfeon a Vila do Conde e da Tuna a Vizeu, Lamego, Vila Real, Viana e Espinho.

Todas estas contas, apezar de estarem em perfeita ordem devido a um trabalho insano do sr. Presidente, por desejo manifestado pelo mesmo, não foram aprovadas em vista da diminuta assistencia a esta Assembleia Geral.

Assim, ainda por proposta do sr. Eng. Marques Gomes, Filho, ficou resolvido que as contas ficassem patentes no seu escritório á *Travessa da Fábrica* (Associação Medica Lusitana) para aí serem examinadas por todo o orfeonista e tuno que o desejar fazer.

O prazo para esse exame é de um mez, findo o qual será convocada uma nova Assembleia Geral para se proceder então á aprovação das referidas contas.

Como, por proposta do orfeonista Silva Leal, foi nomeado um conselho fiscal composto de três membros para de futuro apreciar as contas, quinze dias depois de cada espectáculo que o Orfeon e Tuna realizarem, o sr. Eng. Marques Gomes, Filho, pediu, em aditamento á proposta, que esse conselho fiscal tivesse efeito rectroativo ficando, assim, tambem encarregado de apreciar as contas atrazadas, o que foi aprovado.

Antes de encerrar a sessão o sr. Presidente comunica á Assembleia *que continua de pé e firme* o projecto da excursão a Lisboa mas, para que ele tenha realização, é absolutamente necessário que os orfeonistas acorram aos ensaios.

Mais declarou o sr. Eng. Marques Gomes que o regente do orfeon Dr. Clemente Ramos recomeçará, **logo que terminem as férias oficiais**, com os ensaios gerais muito aturados, para que seja possivel realizar-se a excursão após alguns ensaios de apuro.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Corvaceira Mariano & Gomes, L.da

PORTO — Rua Fernandes Tomaz, 231

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 250

DESCONTOS PARA REVENDA

L'Ecole Moderne

:: LANGUES ET COMMERCE ::
LANGUAGES AND COMMERCE
:: LINGUAS E COMERCIO ::

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

Francês, Inglês, Alemão, Latim, Hebreu e Português
COMERCIO E CONTABILIDADE

DELPHIM A. DUMONT — Rua do Almada, 179

ACONSELHAMOS
A
Tinta a agua "MURALINE,,
por ser uma tinta Higienica

Depositarios para Portugal e Colonias
MARIO COSTA & C.A, L.DA
PORTO — Rua do Almada, 30-1.°
LISBOA — R. das Pedras Negras, 24-1.°
Coimbra — *Rua da Nogueira, 26* Covilhã — *Praça da Republica*

PAPELARIA INDUSTRIAL
E TIPOGRAFIA
Sebastião d'Almeida
23, Largo do Carmo, 23 — PORTO

Completo sortido em objectos de escritorio e desenho. Especialidades. Papeis de luxo. Carteiras e bilhetes de visita. Canetas de tinta permanente.

Preferi o Calçado da
Sapataria do PACOTE ROXO
Rua de Santa Catarina, 390—PORTO

ESTUDANTES:

Comprae os vossos compendios na Companhia Portugueza Editora, pois é a casa que tem o maior sortido em livros escolares adotados para os cursos de instrução primária, secundária e ensino superior. Completo sortido de papelaria e material escolar.

Companhia Portugueza Editora-(Sucursal)-R. do Almada, 123-PORTO

PAGINA LITERARIA

Da nossa vida...

I

Meu caro Gil:

Vou me servir das colunas do «Porto Academico» para responder á tua interessante e curiosa carta, porque reconheci que as questões de que me falas e para que pedes a minha humilde, mas sincera opinião, podem interessar de qualquer modo os leitores deste jornal.

Terás, portanto, quinzenalmente, uma resposta minha versando de cada vez uma só das questões, para não tornar estas cartas demasiadamente extensas e aborrecidas. Devo acentuar tambem que não terei preocupações literarias na sua factura, mas tão somente farei ligeiras considerações e ligeiras criticas, segundo a minha maneira de sentir e julgar as coisas e os factos.

Se discordares delas nalgum ponto, di-lo francamente, que eu argumentarei melhor o meu modo de ver.

Hoje, satisfazendo o teu pedido, começarei por te dar o tal conselho sobre a escolha do curso *que deves seguir.*

Vulgarmente a escolha do curso faz-se seguindo critérios diferentes, mas que se podem resumir em três: pela nossa própria vocação, para determinados assuntos, isto é, escolha dum curso que se coadune perfeitamente com o nosso temperamento; pelos bens materiais que dêle nos podem advir, ou para satisfazer a vontade da familia.

Não te posso dizer afoitamente qual dos critérios é mais usado, mas quero crêr que, felizmente, é o primeiro aquele que mais impera, apezar de muitas vezes se errar por falta de conhecimento perfeito dos diversos cursos, pois na aparencia ante-olham-se-nos duma maneira e na realidade são completamente diversos. Acontece, tambem, que as provas a que nos submetem no liceu são de tal modo deficientes que ficamos perplexos sem saber ao certo qual a nossa verdadeira vocação, reconhecendo já tarde e com mágua que temos caminhado em sentido oposto áquele que deveriamos ter seguido. E tanto assim é que encontramos a cada passo criaturas com determinado curso exercendo gostosamente profissões que nada têm de semelhante com ele, resultando daí um desperdicio de tempo que poderia ter sido belamente aproveitado.

Enquanto á escolha feita unicamente na mira dos proveitos que poderiamos alcançar, acho que é um criterio errado e duma ineficacia absoluta, porquanto estou convencido que todos eles nos podem trazer esses beneficios materiais dado o caso que trabalhemos honesta e competentemente e estejamos bem integrados na profissão que escolhemos. E assim, tu podes observar que um bom engenheiro, médico, advogado, etc. etc., ganham mais que suficiente com as respectivas profissões sem terem necessidade de se imiscuirem nas profissões dos outros.

Eu sei que ha cursos que facilitam ao individuo de craveira media e sem vocação definida, singrar melhor pela vida fóra e atingir até uma certa celebridade; mas esses casos se não são raros só com o factor sorte podem ter explicação, não servindo, pois, de exemplo para ninguem.

Agora, quanto a tirarmos determinado curso porque o papá, a mamã e a restante familia assim o resolveram, é o maior absurdo que nos é dado conhecer, tanto mais que nada ha mais prejudicial para o estudante do que a falta de liberdade de opção e o saber-se obrigado a estudos que em nada o interessam, somente com o fim de ser agradavel aos seus.

Não é neste caso que tu estás; não enveredas pelo anterior porque te conheço de sobejo para te julgar capaz de tal e, nessas circunstancias, aconselho-te a que faças um exame minucioso e justo da tua personalidade e que faças a escolha baseado nesse exame. Se assim procederes estou certo que bem caminhas.

Se errares, o que não é facil, lembra-te que errare humanum est.

Teu do coração

FERNANDO RUY.

FANEROGÁMICA

(POEMETO BOTÁNICO)

Não posso resistir à ingénua tentação
De te cantar extático, em lição
Amena e útil de Botánica,
Minha gentil fanerogámica.

Caule e raiz, folhas e frutos, flor,
— Tudo isto em ti encontro, meu amor.

As pernas modelar's e os pés pequenos, são
Raizes que seguram firme a planta ao chão.

E devo acrescentar
P'ra ninguém duvidar,
Que estas raizes tão mimosas -
Raizes são «tuberculosas»!

Segue-se o caule, que é tambêm tuberculoso:
O teu corpo sem nós — corpinho mui viçoso.

Os teus braços torneados
— Onde há musgos subtis —
São raminhos adorados,
E as mãos — folhas gentis.
E folhas são que o Inverno faz murchar
Com frieiras brutais, escandalosas,
E a Primavera torna a remoçar
Com brandas clorofilas melindrosas.

Dos frutos tremo, sim, tremo ao falar;
São dois, só dois, mas valem um pomar!

P'las formas e perfumes divinais,
Eles são como a maçã que a nossos pais
Fez perder o juizo,
Lá no tal Paraíso.

Anceio repetir
A culpa original,
Mordendo a rir, a rir,
Essa fruta fatal.

E resta a flor: a cabecinha leve,
Coroando essa planta imperial
Que é o teu corpo de Venus e Vestal
Na sua descrição eu serei breve:
Nessa flor esquisita, complicada,
Os olhos são botões de fogo
Que teem a flor iluminada;
Pedúnculo é o pescôço, e logo
As orelhas são as sepalas,
E os cabelos são as petalas,
Negras, em funèreo veu;
E a boca é o gineceu
De que os lábios são estigmas.
Não mais, beijos são enigmas:
Meras polinizações
Vegetais operações.
Mas ainda há tanto que estudar!...
Os nectários,
Os ovários,
Depois a placentação...
Amor do meu coração,
Deixa-me tudo estudar,
Na Botánica ideal
Do teu corpo sensual!

De «Os poemas dum explicador de Sciências Naturais»

FREY ANDROCEU.

CANTIGAS

de Luiz de Pina

Chôro a rir, rir a chorar,
Que tontice a do sentir!
Deus me livre dessas coisas
Que não são chorar nem rir!

Ao pé de mim, grave a serio,
Ficas bem, graciosa e linda:
— o branco junto do preto
Parece mais branco ainda! —

Senhora dos meus Cuidados,
Não deixas meu pensamento;
bem tento por esquecer-te
e esqueço tudo o que tento!

Quado nós dois nos olhamos,
Em conversa intima e calma,
Tu tens a alma nos olhos
E eu tenho os olhos na alma!

Os beijos com que te alegro
São, dentre os que eu não invejo,
Os beijos feitos de versos,
Em versos feitos dum beijo!

Fazes troça dos meus olhos
Por dos teus não os tirar:
Se troças, pouco me importo,
Se me importo, é por troçar!

Com um só beijo, fugiste,
Ao segundo, desmaiaste,
Com o terceiro, morreste,
Ao quarto... ressuscitaste!

— Depois dum desgosto, um gosto.—
Louvado seja o Senhor!
Depois da agua salgada
A dôce tem mais sabôr!

— Quem escuta de si ouve —
Diz a gente por ahi:
Eu se escuto o coração
Só o oiço falar de ti!

Do livro a publicar — «Setestrelo» —.

LIVROS NOVOS

A FELICIDADE NO SECULO XX — por Oliveira Castro.

Ideais de felicidade, trata o sr. Dr. Oliveira Castro na sua obra, que um grande espirito, grande e culto, bom e amoroso, soube compilar, não esquecendo qualquer formula espiritual que nos não incuta coragem e ponderação. Coragem, porque sintetisa essa formula, esclarecendo-a. Não havendo, portanto, o receio, o medo do misterio, do desconhecido, que nos tortura a alma. Ponderação, porque todas as suas formulas são ditadas com um equilibrio extraordinario de visão, com um alcance social apenas, com um objectivo espiritual profundo, que nos impelem, facil e suavemente, para o raciocinio legal e natural dos acontecimentos que se desenvolvem adentro de nós mesmos.

O sr. Dr. Oliveira e Castro fala a todas as almas pelo seu espirito.

Em proémio, falando de ideais, diz-nos: «Os ideais aparentes da humanidade teem tido uma evolução bastante irregular e caprichosa, por falta de unidade de escopos, e de firmesa metódica em sua designação.

Mostra-nos a Historia que o coração humano tem oscilado em anhelos diversos, ora para alcançar a bem-aventurança no Ceu, ora a riqueza na Terra, já o aumento de gozos materiais, logo o acrescentamento das regalias morais. Teem os homens batido sucessivamente a todas as portas da felicidade, congregando-se consciente, ou inconscientemente, sob a sugestão de espiritos superiores, na esperança de que elas se lhes tornem patentes.

Tem-se trabalhado para se ser mais forte, mais santo, mais livre, mais rico, mais independente e mais egual.

Todas estas aspirações podem e devem, porem, concentrar-se num desejo uniso: gozar e não sofrer; isto é, ser-se feliz. Este é o verdadeiro e constante ideal do homem.»

Em proémio fala-nos assim o sr. Dr. Oliveira Castro. E numa constante anciedade de definir, de sintetisar, buscando eruditamente á vida social pontos que esclarecem insofismavelmente o seu trabalho de uma alta tensão espiritual, deixa-nos o arôma adorável dum critério são, a seduzir-nos, a tomar-nos, abrindo no nosso *eu* fios de uma luz, até aí desconhecida.

Ao sr. Dr. Oliveira e Castro, pelo seu trabalho, os nossos aplausos, e pela oferta que nos fez do seu livro, muito obrigados.

Monumento a Camilo Castelo Branco

Na Comissão organisada pelas forças vivas da cidade do Porto para a construção do monumento ao glorioso e imortal escritor Camilo Castelo Branco, teem os seus representantes a Associação dos Estudantes do Porto e o seu orgão oficial «Porto Academico».

CONGRESSO ACADEMICO

II

Fizemos no artigo anterior a historia da atitude da Academia do Porto perante a primitiva comissão organisadora do Congresso dos Estudantes das Escolas Superiores de Portugal. Continuemos a historiar:

A nova comissão organisadora apareceu-nos constituida por nove membros representando as diferentes correntes do Pensamento Coimbrão, e saída segundo circular datada de 20 de março de 1924..., duma assembleia magna da Academia da velha Universidade.

Fora qualquer coisa mais de que uma comissão de 3 membros de auto-nomeação. A expectativa da Academia do Porto tornara-se pois mais benevola.

Acompanhando a citada circular, vieram tambem as novas Bases de Organisação do Congresso. Notamos com prazer que apresentavam modificações importantes naquilo em que haviamos notificado os nossos reparos. Assim, acabavam com o voto imoral concedido aos membros da comissão organisadora. Esta como tal, segundo a alinea *E)*, não faria parte do Congresso. Num espirito de maior equidade concediam 2 votos ás Faculdades que não possuissem associações privativas e punham de parte a transparente parcialidade de serem impressas as teses que primeiro fossem entregues á Comissão.

Dias depois recebiamos os delegados da nova comissão organisadora, os nossos colegas quintanistas de Direito Angelo Cezar e Antonio de Souza. Vinham encarregados de saudar a Academia do Porto e de ouvir de nós o que julgassemos dever dizer-lhes sobre as Bases e ainda de comnôsco combinarem a necessária propaganda do Congresso. Logo nêsse dia se reuniram com um dos delegados na Associação dos Estudantes todos os congressistas ordinarios já eleitos pelas respectivas Faculdades e Escolas Superiores. Esclareceram-se vários pontos ambíguos.

Assim, a sub-alínea *d)* da alínea *c)*, considerando como congressista ordinario o representante de cada publicação Académica, estava em possível incompatibilidade com a alínea *b)* que declara o Congresso apenas de estudantes das Escolas Superiores.

Esclareceu-se esse ponto no sentido de ser preciso que uma publicação academica traduzisse qualquer corrente universitaria ou de Escolas Superiores, ou em que pelo menos predominassem alunos destas escolas, para como tais, terem voto no Congresso.

Assentou-se tambem em que as Faculdades ou Escolas que por dificuldades financeiras não pudessem enviar dois delegados ao Congresso poderiam enviar um delegado com dois votos desde que pagassem as duas inscrições.

Mais se resolveu que a ordem por que as diferentes teses deveriam ser apresentadas á discussão seria fixada por uma comissão constituida por um delegado de cada Academia. Assim, limando certas arestas, se colhiam os primeiros frutos da troca de impressões que desde o início deveria ter existido entre os representantes das três Academias Universitarias.

Terminou a reunião numa perfeita uniformidade de pontos de vista. Desde então a Academia do Porto deixou de estar em espectativa benévola. Passára a abraçar a ideia do Congresso com entusiasmo, com Fé.

Ao outro dia publicava o «Janeiro» gentilmente a primeira grande propaganda do Congresso — uma entrevista com os delegados de Coimbra. Todos os jornais do Porto, inseriam quasi diariamente notas sobre o Congresso e dias depois o «Jornal de Noticias» publicava com grande relevo uma entrevista com delegados da Academia do Porto. Assim se procurava assegurar pela propaganda o exito de tão grande acontecimento.

No entanto, a diminuir o efeito desta propaganda segredava-se em toda a parte que o congresso não se realizava, que ia ser adiado, que a Academia de Coimbra não se entendia e outros boatos, a que não ligavamos importancia por não termos comunicação oficial que os confirmasse. Os delegados do Porto, trabalhavam sempre e as teses afluiam á Associação dos Estudantes para serem por esta enviadas para Coimbra. Antes porem de o fazer, um oficio, datado de 5 de abril, do Presidente da Comissão Executiva do Congresso, comunicava-nos que de facto este tinha sido adiado para data ainda não fixada. Não confirmava no entanto, felizmente, as desinteligencias que corria existirem na Academia de Coimbra. O adiamento segundo o oficio fôra motivado, pelas excursões do Orfeon e Tuna da Academia de Lisboa, bem como pelo envio de delegados á Batalha o que diminuiria pela ausencia de certos elementos o brilho do Congresso.

Mentiriamos á Academia e ao paiz se dissessemos que concordamos com o adiamento. Não, discordamos em absoluto.

Um Congresso dos Estudantes das Escolas Superiores de Portugal é qualquer coisa que se desprestígia com a leviandade de dois adiamentos sucessivos. De resto, fica mal a um grande centro escolar declarar-se impossibilitado de se fazer representar dignamente em várias manifestações de espirito, só pelo facto de serem simultâneas. Dir-se-hia que ha representantes permanentes, encartados para todas as representações. De duas uma; ou houve precipitação na fixação da data do Congresso ou a houve no novo adiamento. Em qualquer dos casos a Academia do Porto proclama a sua nenhuma responsabilidade. E' preciso falar alto e que sejamos nós que apontemos uns aos outros com clareza, aquilo que entenderamos dever fazer-se para conseguir o *desideratum comum*: prestigiar o estudante português.

Da nova fase que tomar a organização do Congresso, apoz o novo adiamento, diremos o que pensarmos, em proximo artigo.

A. MARQUES DE CARVALHO

TEATROS

TUNA

A Tuna Académica partiu esta manhã.

Portugal e Espanha, mais uma vez, se sentem intimamente ligados pelas capas negras da cidade do Porto.

Vão percorrer a Galiza e o seu Triunfo será grande, enorme, e marcará mais uma página encantadora na Historia da nossa mocidade. Cá de longe, os nossos corações acompanham com alegria e interesse o Triunfo dêsses colegas de quem Modesto Osorio, doublé de compositor inspirado e distinto regente, conseguiu maravilhas, mercê da sua boa-vontade e competencia.

Aos tunos, aos amigos do corpo scénico, enfim a todos os colegas, um grande e sincero abraço de despedida e o desejo duma grande Felicidade, a Felicidade que merecem por Direito e Justiça.

MONUMENTO

E' quasi certo que será o dia 31 de Maio o escolhido para a festa cujo producto se destina á construção do Monumento aos Estudantes Mortos na Grande Guerra. A comissão organisadora compõe-se de Alunos e Alunas de todas as Faculdades e pelas surprezas a apresentar é facil prevêr um éxito extraordinario.

No proximo numero daremos informes detalhados, o que não fazemos hoje por absoluta falta de espaço.

NOTAS

—O dia 1 de Maio foi sensacional, quanto a Teatro. No Palacio, Aida; no Sá da Bandeira, estreia da Comp.ª Satanela-Amarante e finalmente unica récita de Janne Prevost no S. João. Haverá gente para todo isto?

—E' provavel, mas o peor será a paralização dos electricos. Estes espectaculos demonstram vontade de agradar mas tambem falta de criterio na organisação.

—«Os suicidas» é uma peça original e não adaptada por *A. Mendo*, como disse no ultimo numero.

Que o amigo me desculpe e a sua peçazinha consiga agradar em terras de Hespanha.

—A fantasia-revista em 1 acto e 6 quadros de *D. D. de F.* e *P. G.* com musica de *D. M. A. S. C.* e *M. L. S.* será lida juntamente com uma outra peça em 2 actos de *P. G.* e *M. de M.* nos primeiros dias de Maio.

PERRY GARCIA